

N.º 07 JULHO / SELEÇÃO 1976 - INIMESINAL
PREÇO DE VENDA AO PÚBLICO 440\$00 (IVA INCLUIDO)

Noivas & Bodas



Noivas
do Senhor de Matosinhos

Noivas de São António



Casou Calado

- ★ Empregados de mesa
 - ★ Casar no Seculo XIX
 - ★ Guia dos Noivos
- ★ Vestidos acima do 40
 - ★ Brindes
 - ★ O Bolos
- ★ Casamentos do Trimestre
 - ★ Viaturas para casamento

ISO:
rqu
s st
jam
ente
savi
m p
van
nig
m-s
na e
e o
piti
han
ente
hoc
stun
cas
te. I
a pr
70 r

Te
B

casos de pessoas, porque não tinham poses suficientes, suprimiam o próprio casamento, ou seja, não se casavam nem pelo civil em pela igreja e acabavam por se juntar: "migam-se", "ajunam-se" como se costumava dizer. No dia em que o casal juntava a nupinha, se as pessoas tinham disso conhecimento, faziam uma chocalhada". Este costume consistia em fazer barulho perto de casa do casal para não os deixar dormir nessa mesma noite. Foram até feitas queixas em tribunal contra esta prática. Informações que datam de 1830 a 1870 relatam o seguinte: "...Há poucos anos que



nesta vila (Tavira), introduziram-se e abusa-se das chocalhadas, fazendo zombaria de todos aqueles que se casam depois de viúvos...". Também se sabe que, no dia 27 de Março de 1867, grupos de rapazes levando instrumentos como rebecas, violas, flautas e chocalhos, fizeram ruídos constantes junto à porta de casa de duas pessoas que acabavam de se juntar. Para além destes instrumentos, também se utilizavam buzinas, caldeiros velhos e choquilhas. Também está registada outra chocalhada realizada em 1871, e daí em diante, continuaram as chocalhadas, uma

vez que neste mesmo século XX, ainda se realizavam chocalhadas, sobretudo a pessoas viúvas que se juntavam sem se casar. E, a prática começou mesmo por ser essa, primeiro a viúvas e depois a todos aqueles que "juntavam os trapos" mesmo tratando-se de jovens casadoiros. Começou a tornar-se uma tradição mas que

muitos casais não admiravam particularmente uma vez que existem estas notícias registadas em tribunais confessando queixas contra estes "abusos". Tradições e costumes bem interessantes que traduzem a mentalidade e a cultura de uma época em que o casamento era considerado essencial entre homem e mulher, tanto para salvar a reputação de uma rapariga que tinha sido enganada, (que estava grávida) como para que diante dos olhos de Deus e sobretudo das pessoas a união de um casal fosse aprovada.



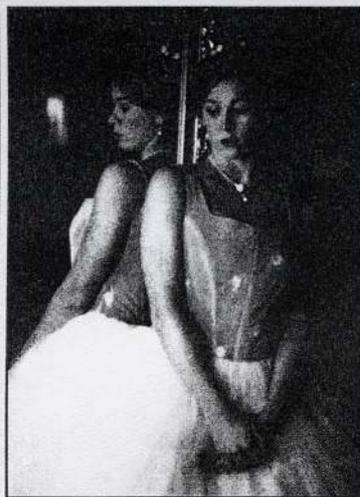
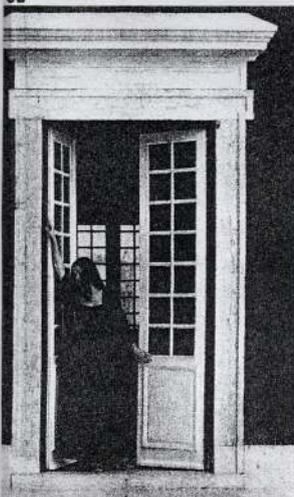
FOTOS ANTIGAS:
Gentilmente cedidas
pelos próprios

AGORA É MAIS FÁCIL ANUNCIAR

Noivas & Bodas

Não fique fora da nossa próxima edição

Telf.: (01) 363 27 08 - (01) 914 85 32 Telem.: (0936) 264 50 27 - (0931) 66 11 03 - (0931) 25 19 27



FOI VOCÊ QUE PEDIU UM FOTÓGRAFO DE QUALIDADE ?

MINIFOTO



Estúdio
A. CAMILO

Rua Alexandre Ferreira, 49A (frente aos Inválidos do Comércio)
Lumiar - 1750 LISBOA
Telefone / Fax 759 32 07 (com atendedor de chamadas)
Telemóvel: (0931) 27 58 50 - (0931) 88 40 50

INVISTA COM SEGURANSA! NÃO DESPERDICE O SEU DINHEIRO! ESCOLHA-NOS PARA A FOTOGRAFIA E VIDEO DO SEU CASAMENTO



TEXTO: Noélia Viegas
FOTOS: Nuno Silva

Casar no século

XIX

Na região do Algarve, mais precisamente na zona de Faro, existe o Concelho de São Brás de Alportel onde se encontra um Museu etnográfico, geralmente com exposições de trajes antigos da região algarvia.

Muitas vezes nos esquecemos, ou nem chegamos a saber, que o casamento e todos os precedentes e acontecimentos posteriores acompanhados por costumes e tradições de um povo, nem sempre foram iguais. Hoje em dia, Portugal é um país que se engloba na cultura Euro-Americana, embora ainda aguarde e valorize muitas tradições antigas.

Neste museu guardam-se, assim, recordações de um tempo passado, mas que ainda muitos avós e bisavós não se fariam de lembrar pois traduzem, mais humilde, cheia de crenças e costumes, e em que a celebração do casamento era completamente diferente.

Durante o século XIX e até princípios do século XX, a celebração matrimonial variava segundo as disponibilidades económicas das várias famílias. Pessoas muito pobres ou com poucas posses com certeza, não poderiam distender muito dinheiro para os afazeres do casamento e alguns "noivos" nem sequer se casavam.

Entre as famílias mais ricas, "na noite que precedia o casamento, fazia-se a "galhofa", uma reunião em casa da noiva, dos convidados mais íntimos que comem, bebem (muito excepcionalmente como sempre, outra bebida que não seja vinho) e divertem-se conversando ou cantando". A "fogaça", bolo de farinha, representava um certo ritual que também precedia o casamento. Este traduzia numa corrida efectuada pelos homens que se denominava de "corrida à fogaça", normalmente realizada em burros ou em machos.

"No dia do casamento, de manhã, após um bom pequeno almoço, a noiva e alguns convidados seus iam ao registo civil, onde se juntavam com o noivo e seus respectivos convidados mas frequentemente, não partiam todos da casa da noiva.

Muitas vezes, as pessoas viviam longe da vila e procediam a uma viagem que tinha alguns encargos...

"As vezes, as noivas vestiam-se e preparavam-se no povo, na casa da posuada mas também podiam chegar já preparadas a cavalo numa burrinha branca, com o acompanhamento também de cavalaria. O noivo apresentava-se noutra montada também com o seu acompanhamento". Normalmente, em viagens, as pessoas levavam roupa mais velha vestida em virtude de se poderem sujar durante o caminho. Assim, muitas vezes, nas viagens para a igreja também isso acontecia. Mas, a viagem também reservava festejo, pois costumava-se levar nos alforros "borrachos" (recipientes feitos de peles de animais). Estes eram recheados com vinho para se ir celebrando antecipadamente o casamento. Existia uma cadeira especial, colocada em cima do animal, onde a noiva se sentava. A besta era coberta de colchas enrameadas e muito coloridas, aliás, todos os acessórios com que se emparelhavam os animais eram bastante coloridos, mas em ocasiões especiais, como é o caso de um matrimónio, existiam cobertas também elas especiais, mais rendadas e mais trabalhadas.

Os vestidos de noiva nunca eram brancos, pelo

menos até por volta de meados do século XX. Regista-se que em 1915/20, as cores mais utilizadas na confecção do vestido eram: o verde azeitona, vários tons de castanho e bege, entre eles a chamada "cor-de-grão" e alguns cinzentos também eram utilizados. Há notícias de terem existido noivas que vestiam vestidos pretos mas tratavam-se de casos excepcionais, normalmente para demonstrar a dor pela morte de uma pessoa próxima, que tivesse falecido recentemente. O vestido de noiva era feito de algodão lavado ou de lã fina e sempre de manga comprida e por altura do tornozelo, fizesse ele frio ou calor. Para a decoraçao, usava-se sobretudo a renda, o galão e os bordados.

Em relação ao fato do noivo, as cores utilizadas eram normalmente escuras, o pretó ou o castanho. Feito de tecido de veludo, guarnecido na gola, nas bandas, nos bolsos, nas mangas, na frente e nas orlas com um galão de algodão. Realizava-se a confecção da jaqueta, do colete, das calças e da cinta (de algodão).

Após o casamento religioso, os noivos regressavam na mesma besta, quase sempre uma égua. "Ele à frente" escarpachado" muito direito. As calças, quando os pés enfiavam além nos estribos, "arregaçavam" (subiam) e deixavam à "amostra" as ceroulas amarradas nos artelhos sobre os peúgos cor-de-grão ou brancos de malha arrendada. O noivo punha muito preceito na roupa de baixo porque tudo se via desde a camisa até às meias. A noiva ia sentada de lado, ao princípio segurava-se ao casaco dele só com uma das mãos, a esquerda. A mão direita ia no colo apertando um lençinho branco. Lá mais adiante agarrava-se ao noivo pela cintura, com os dois braços para não cair e para irem mais "aconchegadinhos..."

"O pessoal do povo, os parentes e os amigos preparavam arcos de flores para os noivos passarem por baixo e lhes dar sorte. Armavam-nos à saída da terra consoante o caminho do acompanhamento".

"Os arcos eram formados por duas canas compridas que se apoiavam ou seguravam às bordas do caminho, ligadas ao alto, em ogiva ou círculo. Ao torno das canas, ligavam-se em tufo, toalhas de rendas, lenços de seda de cores berrantes, colchas e até lençóis". O simbolismo do arco tem um significado muito importante. Destina-se sobretudo a materializar a passagem de um estado para outro, deixando para trás um período da vida para começar outro totalmente diferente.

"Pelos "montes" por onde passavam os moradores punham-se à porta e davam tiros para o ar em sinal de satisfação. Os tiros faziam "a vasa" de foguetes". Além disso, também chegavam perto do cortejo pessoas com garrafas de vinho e bandejas de copos e de doces que ofereciam aos noivos e aos convidados. Estes serviam-se, em regra, da oferta e davam em recompensa, uma qualquer quantia de dinheiro conforme as circunstâncias e as suas posses.

Havia bodas de quatro, cinco e seis arcos e, em cada ocasião em que se faziam passar os noivos por debaixo de um deles, também surgiam estas pessoas alegres pelos noivos e desejando felicidades.

Também se costumava queimar, "no dia da boda, numerosos foguetes, provocando correrias do rapazio para lhes apanharem as canas em todo o trajecto do cortejo". Quando os noivos e os convidados finalmente chegavam da sua viagem, primeiro iam todos



para a casa da noiva onde tomavam um "c de-água" e depois à noite ou à tarde exis dois jantares: um em casa do noivo pa seus convidados e outro na da noiva os dela.

"O jantar era sempre lauto e, mesm roda campesina havia sempre quem os seus brindes e "discursos". Acal o jantar, já os homens estavam ale, chegava o noivo e a sua comitiva. D se então uma peripécia interess: costume que só agora se começa a arre Era a "entrega do noivo". Quando che a comitiva do noivo e estes batiam à p um dos da comitiva da noiva "ia ver q era" e fingia-se surpreendido e um p irritado por ver tanta gente que queria

turbar a bela festa em que estavam. O noivo clinada a sua identidade, no que o outro fingia acreditar o que dava origem a uma discussã mica, já entre membros das duas comitiv Acabavam por entrar todos na casa da noi assim começava o baile. "Se havia tocador, tavam as próprias raparigas de quando em qua enserrabulhado pelo baile de roda e o canto regra de "quadras", tudo à mistura com vi conversa, partidas e ditos. Desta confusã aproveitavam muitos vezes as raparigas c doiras para coserem a cama dos noivo"

"No dia seguinte, o noivo, com a famí os amigos, levava bolos e bebidas e ia nir-se com os convidados da noiva qu encontrava preparada e vestida com a pa a que se chamava "vestido do segu dia" que podia ser vestido de lã verdi seco ou cor de castanha e também po ser saia e "bata", "era segundo e con me...". Nessa noite é que os noi dormiam juntos.

No terceiro dia continuava a festa e nesse preciso dia que o noivo poderia "tregar a filha ao pai", caso ela "não e vesse capaz", quer dizer, se não fe virgem. Raros casos desses se cont

Passando do terceiro dia, nenhum homem po rejeitar a noiva estivesse ela como estivesse. Se um caso de vergonha ainda mais para ele...

Oito dias depois do casamento havia um no festejo. Era o chamado "desnoivamento". Es banquetes costumavam ser muito bem preparac É de se dar ênfase ao facto dos namoros durar anos e anos, namoros de 7 e 8 anos eram mu frequentes. Nesse "entrementes", às vezes, da se uma certa liquidação...coisas de gente nova, c sempre foi assim...não é de hoje nem de onte

Mas fazia-se tudo muito às escondidas, tu muito encoberto e aqui está a grande diferen

Se calhava a aparecer (por exemplo uma barr mais inchada...), então as famílias tratav, imediatamente do casamento para tapar acontecido. Normalmente, os rapazes cu priam sempre com a sua obrigação. Mas, desde o início nunca se tivesse falado o casamento, nasceria uma criança que tod vida iria ser chamada de "apanhadiç:

"Claro que estas convenções tinham mu a ver com o estatuto, a posição socia económica do rapaz e da rapariga. Est casos normalmente aconteciam quande rapaz era rico e a rapariga pobre. As famíli ricas que tinham filhos ou filha casadoire desde há muito já lhes tinham reservado ur noiva ou um noivo que tivesse igualmen uma certa condição económica, isto s bretudo por causa das courelas e d fazendas.

"Entendiam pois que os ricos tinham que cas: com as ricas para a fortuna aumentar mais e q os pobres casavam com as pobrezinhas pa não estragarem duas casas, mas, às vezes, saía "gado mosqueiro..."

"No entanto, em casamentos de pobres, suprimido o programa do segundo dia, o "copo de-água" e o almoço aos convidados. Existiam ainc